

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP  
PORTO - PORTUGAL



---

## MULHERES INDÍGENAS COMO TEMA DE ESTUDOS ETNOGRÁFICOS EM TESES DE DOUTORAMENTO DO BRASIL: BASE DE DADOS OÁSIS DO IBICT

---

**Jaqueline Silva de Souza, Universidade Federal da Bahia, <https://orcid.org/0000-0001-5743-780X>, Brasil, [jaquelinesou@gmail.com](mailto:jaquelinesou@gmail.com)**

**Ângelo Augusto Abdalla Sastos, Universidade Federal da Bahia, 0009-0008-9465-860X, Brasil, [angeloabdallaadv@gmail.com](mailto:angeloabdallaadv@gmail.com)**

**Marco Tulio Moreira de Souza, Instituto Federal Baiano, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1758-3639>, Brasil, [mtmsouza2@hotmail.com](mailto:mtmsouza2@hotmail.com)**

**Eixos Temáticos:** Gênero, Pós-Colonialismo e Multiculturalidade

**Resumo:** Esta investigação resgata teses de doutoramento do Brasil com a temática de mulheres indígenas, de estudos etnográficos, apresentando um resumo articulado dos trabalhos importantes relativos a este domínio para servir como consulta e debate para aqueles interessados em pesquisar sobre o tema. Seu objetivo consiste em analisar a produção científica de teses de doutoramento do Brasil sobre o tema mulheres indígenas de metodologia etnográfica. A pesquisa possui nível descritivo de técnica de pesquisa bibliográfica e natureza qualitativa. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico na base de dados oasis do ibict com os termos “mulheres indígenas”, delimitando a busca pelo campo título e pelo tipo de documento tese e por ano de publicação entre 2020 a 2024. Os resultados indicaram que a temática das mulheres indígenas como sujeitos de estudos etnográficos em teses de doutoramento no Brasil ainda é emergente, embora em crescimento. Considera-se assim, a necessidade de uma ampliação da literatura da área e sugere novos estudos.

**Palavras-chave:** Mulheres Indígenas, Método Etnográfico, Tese de Doutorado, Igualdade Gênero.

**Resumen:** Esta investigación recupera tesis de doctorado de Brasil sobre la temática de mujeres indígenas en estudios etnográficos, presentando un resumen articulado de los trabajos más relevantes en este ámbito para servir como consulta y debate para quienes estén interesados en investigar sobre el tema. Su objetivo consiste en analizar la producción científica de tesis de doctorado en Brasil sobre mujeres indígenas desde una metodología etnográfica. La investigación es de nivel descriptivo, con técnica de investigación bibliográfica y enfoque cualitativo. Para ello, se realizó un levantamiento bibliográfico en la base de datos OASIS del IBICT utilizando los términos "mujeres indígenas", delimitando la búsqueda por el campo título, el tipo de documento (tesis) y el período de publicación entre 2020 y 2024. Los resultados indicaron que la temática de las mujeres indígenas como sujetos de estudios etnográficos en tesis de doctorado en Brasil aún es emergente, aunque en crecimiento. Por lo tanto, se considera necesaria una ampliación de la literatura en el área y se sugieren nuevos estudios.

**Palabras clave:** Mujeres Indígenas, Método Etnográfico, Tesis de Doctorado, Igualdad de Género.

## 1 Introdução

---

A etnografia segundo López (1999) é uma modalidade de investigação das Ciências Sociais que surge na antropologia cultural e sociologia qualitativa. É um modelo alternativo à investigação tradicional utilizada pelos cientistas sociais para estudar a realidade Social.

Mulheres indígenas participam de projetos em espaços de decisão dentro e fora de suas comunidades. E apoiar a construção de espaços internos de tomada de decisão constituídos exclusivamente por mulheres indígenas, permite que mulheres possam trocar informações em comunidades indígenas por todo o Brasil. Mas para que esses projetos avancem é de grande valia e necessidade o apoio de instituições governamentais promoverem a igualdade de gênero de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas.

Segundo Luciano Baniwa (2006), mulheres indígenas têm funções socioeducativas fundamentais para a continuidade do seu grupo. Pois, possui um papel relevante na manutenção cultural e alternativas econômicas da sua comunidade.

Dessa forma, surgiu a presente questão de pesquisa: como está sendo estudada em

âmbito nacional, no Brasil, a temática sobre mulheres indígenas em estudos etnográfica em teses de doutoramento?

Para alcançar a resposta da supramencionada questão, o objetivo desta investigação é analisar a produção científica de teses de doutoramento do Brasil sobre o tema mulheres indígenas de metodologia etnográfica. Deste modo, a pesquisa possui nível descritivo de técnica de pesquisa bibliográfica e natureza qualitativa. Realizou-se um levantamento bibliográfico na base de dados oasis do ibict com os termos “mulheres indígenas”, delimitando a busca pelo campo assunto, pelo tipo de documento tese e pelo ano de publicação entre 2020 a 2024.

Os resultados indicam que a temática ainda é um assunto emergente. Considera-se assim, a necessidade de uma ampliação da literatura da área e sugere novos estudos.

## 2 Investigação Etnográfica

---

Segundo Woods (1987), a investigação etnográfica essencialmente consiste em uma descrição dos eventos que tem lugar na vida do grupo, com especial consideração das estruturas sociais e a conduta dos sujeitos como membros do grupo, assim como de suas interpretações e significados da cultura a pertencem.

Foi no século XX que a etnografia, decorrente da antropologia cultural, iniciou avanços em pesquisas. Antropólogos realizaram pesquisas com povos primitivos e viveram, por um período, entre eles para estudar a comunidade de perto. Esta investigação é essencial para a descrição dos eventos da vida de grupo sociais e dos sujeitos dos grupos. Por descrever fenômenos, estudar pessoas em seu habitat natural e observar sua forma de vida. Além de estudar os agentes sociais e indicar dados de livre juízo de valor sobre as observações.

Deste modo, a etnografia é um método que descrever crenças, valores, perspectivas, motivações e o modo em que tudo isso se desenvolve ou combina dentro de um grupo, desde as perspectivas de seus membros, para observar e analisar a prática de certos acontecimentos, como meio de formação reflexiva

### **3 Agenda 2030: ODS 5 Igualdade de Gênero**

Em setembro de 2015 os chefes de Estado e de Governo e altos representantes, se reuniram na sede das Nações Unidas em Nova York para a criação dos novos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade, a agenda 2030.

A temática igualdade de gênero faz parte dos 17 ODS, que solicita empoderar todas as mulheres e meninas para assim, segundo a ONU “Eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, o tráfico de pessoas e os homicídios, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.”

Dessa forma, as mulheres do campo e da floresta necessitam de atenção, principalmente em pesquisas científicas. Pois, essa temática ainda é insuficiente no âmbito da produção de conhecimentos.

### **4 Procedimentos Metodológico**

Para responder à pergunta norteadora da pesquisa: como está sendo estudada, em âmbito nacional, a temática sobre mulheres indígenas em estudos etnográficos em teses de doutoramento no Brasil? desenvolveu-se um estudo descritivo que segundo Gil (2008), descreve as características de determinadas populações ou fenômenos. Estabeleceu a técnica de pesquisa bibliográfica segundo Boccato (2006, p. 266), busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. De pesquisa

qualitativa, que de acordo com Creswell (2007, p. 187), é fundamentalmente interpretativa, ou seja, o pesquisador faz uma interpretação dos dados partindo de uma visão holística dos fenômenos sociais. Realizou-se uma análise minuciosa, considerando a complexidade dos dados e respeitando sua forma de registro.

Dessa forma, a investigação foi realizada em etapas:

- Etapa I – Coleta

- a) Em primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico na base de dados oásis do Ibict, por ser a principal base de teses brasileiras. Utilizando-se os termos “mulheres indígenas”, Optou-se pela busca por título, recuperando 335 documentos.

- b) Para a seleção dos documentos definiu-se os critérios de tipo de documento “tese” e de língua portuguesa. Ano de publicação, uma delimitação cronológica entre o período de “2020 a 2024”. Assim, dos 335 textos recuperados apenas 19 (dezenove) documentos foram indicados para a revisão final.

A coleta dos dados ocorreu no mês de julho de 2025.

- a) Etapa II– Análise e a interpretação dos dados.

- b) Elaboração do instrumento, o formulário em planilha do Excel.

- c) No que se refere a análise dos resultados, optou-se por fazer um resumo articulado de teses de título mulheres indígenas de metodologia etnográfica. A criação de categorias foi através da leitura completa dos artigos, com ênfase nos seguintes elementos: título, resumo, objetivos, metodologia e resultados. Em relação a metodologia optou-se por teses que realizaram como método etnográfico, apresentando assim as suas características.

Resultados

Os resultados foram organizados em categorias elaboradas a partir das teses selecionadas, que foram:

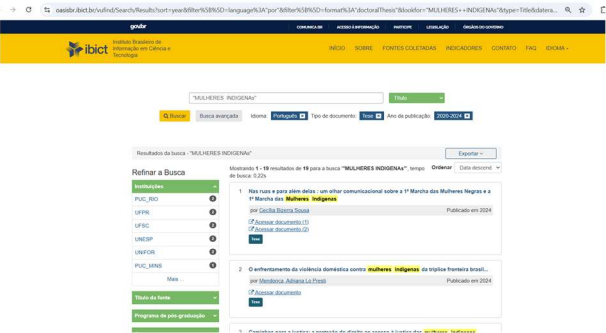
Tabela 1: Quantidade de Publicações por Ano.

N	ANO DE PUBLICAÇÃO	TOTAL
1	2024	3
2	2023	5
3	2022	4
4	2021	4
5	2020	3
	TOTAL	19

Fonte: Elaborados pelos autores (2025).

O ano de 2023 foi o de maior número de publicações de teses com a temática mulheres indígenas, com o total de 5 publicações.

Figura 1: Homepage Osis- Resultados



Fonte:

<https://oasisbr.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=year&filter%5B%5D=language%3A%22p>

or%22&filter%5B%5D=format%3A%22doctoralThesis%22&lookfor=%22MULHERES++INDÍGENAS%22&type=Title&daterange%5B%5D=publishDate&publishDatefrom=2020&publishDate

to=2024

(2024).

Quadro 1: Teses

Nº	Autor(a)	Título / link	Instituição / Ano/ Metodologia / Resumo
1	Cecília Bizerra Sousa	Nas ruas e para além delas: um olhar comunicacional sobre a 1ª Marcha das Mulheres Negras e a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas	<b>UFMG / 2024</b>  <b>Metodologia:</b> Análise de entrevistas (10 líderes) e modelo praxiológico da comunicação.  <b>Resumo:</b> Examina as interações comunicativas nas marchas, destacando a ruptura com o "lugar social de imposição" e a ocupação do "lugar de emancipação".
2	Adriana Lo Presti Mendonça	O enfrentamento da violência doméstica contra mulheres indígenas da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru à luz do novo constitucionalismo latino-americano	<b>UNIFOR / 2024</b>  <b>Metodologia:</b> Pesquisa dedutivo-comparativa, análise documental e bibliográfica.  <b>Resumo:</b> Propõe parâmetros para o Judiciário combater a violência doméstica, destacando a dupla vitimização das mulheres indígenas.

3	<b>Roberta Kelly Silva Souza</b>	Caminhos para a justiça: a proteção do direito ao acesso à justiça das mulheres indígenas Yanomamis e a proposta da Justiça Tribal	<b>NIFOR / 2024</b> <b>Metodologia:</b> Pesquisa descritiva e exploratória, análise de casos internacionais. <b>Resumo:</b> Defende a implementação de um sistema de Justiça Tribal adaptado à realidade brasileira.
4	<b>Taisa Lewitzki</b>	Águas e movimentos: mulheres indígenas, meio ambiente e organização política no contexto do território indígena Mendonça	<b>UFRN / 2023</b> <b>Metodologia:</b> Etnografia em território semiárido. <b>Resumo:</b> Analisa relações hidrossociais e resistência das mulheres indígenas na gestão da água.
5	<b>Anni Marcelli Santos de Jesus</b>	O enfrentamento da violência doméstica pelas mulheres indígenas do alto Rio Negro à luz da teoria decolonial	<b>PUC Minas / 2023</b> <b>Metodologia:</b> Abordagem decolonial e pluralismo jurídico. <b>Resumo:</b> Discute violência de gênero e justiça comunitária em comunidades indígenas.
6	<b>Blenda Cunha Moura</b>	"Livre pela minha natureza": histórias de mulheres indígenas na Amazônia Colonial	<b>UFPR / 2023</b> <b>Metodologia:</b> Análise histórica e documental. <b>Resumo:</b> Reconstitui a agência de mulheres indígenas na resistência ao colonialismo na Amazônia.
7	<b>Caroline Machado Costa</b>	Entre corpo-território e racismos: narrativas de mulheres indígenas vivendo em contextos urbanos na Grande	<b>UFSC / 2023</b> <b>Metodologia:</b> Entrevistas e análise benjaminiana. <b>Resumo:</b> Explora a interseção entre racismo, gênero e urbanização a partir de narrativas indígenas.

		SCFlorianópolis (SC)	
8	<b>Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacodsen Schild</b>	Articulação das mulheres indígenas no Brasil: em movimento e movimenta ndo redes	<b>UFSC / 2023</b> <b>Metodologia:</b> Etnografia e análise de redes. <b>Resumo:</b> Examina a formação da ANMIGA e a articulação política das mulheres indígenas.
9	<b>Ildete Freitas Oliveira</b>	Formação superior e ressignificação do papel etnopolítico de mulheres indígenas na esfera pública no Alto Solimões/A mazonas	<b>UFAM / 2022</b> <b>etodologia:</b> Entrevistas e observação participante. <b>Resum o:</b> Destaca o protagonismo de mulheres indígenas egressas do ensino superior na política local
10	<b>Kleber Prado Liberal Rodrigues</b>	Perfil antropológico das mulheres indígenas do Parque das Tribos (Manaus-AM) como fator de risco para enfermidades	<b>UNESP / 2022</b> <b>Metodologia:</b> Entrevistas e observação participante. <b>Resum o:</b> Destaca o protagonismo de mulheres indígenas egressas do ensino superior na política local
11	<b>Silvely Brandes</b>	Diálogos sobre o bem viver: uma leitura de enunciados de resistência de mulheres indígenas brasileiras através da escrita	<b>UFPR / 2022</b> <b>Metodologia:</b> Análise discursiva (Bakhtin) de obras literárias indígenas. <b>Resumo:</b> Explora a filosofia do "bem viver" na literatura de autoras como Eliane Potiguar e Márcia Kambeba.

12	<b>Janaina Betto</b>	Presença, chamado, reflorestar: criações políticas da marcha das mulheres indígenas	UFSM / 2022 <b>Metodologia:</b> Etnografia das marchas indígenas (2019 e 2021). <b>Resumo:</b> Analisa a cosmopolítica das mobilizações, destacando corpos, ancestralidade e território.
13	<b>Rafaela Maia Carvalho</b>	Pela tekohização da vida: corpo, território e (in)segurança de mulheres indígenas nos estudos críticos de Relações Internacionais	PUC-Rio / 2021 <b>Metodologia:</b> Abordagem decolonial e estudo de caso (Guarani-Kaiowá). <b>Resumo:</b> Discute a insegurança ontológica de mulheres indígenas a partir do conceito de "corpo-território".
14	<b>Patrícia Costa Ataíde</b>	Kuzàgwe: fazeres e saberes de mulheres indígenas Tentehar em Grajaú-MA	UNICAMP / 2021 <b>Metodologia:</b> Etnografia e entrevistas. <b>Resumo:</b> Documenta saberes tradicionais e escolares de mulheres Tentehar, com foco em educação e território.
15	<b>Claudia Regina Cinti Corrêa Porto</b>	Perfil epidemiológico e rastreamento de infecções genitais em mulheres indígenas do Xingu	UNIFESP / 2021 <b>Metodologia:</b> Estudo clínico com PCR e citologia. <b>Resumo:</b> Identifica alta prevalência de HPV e clamídia, com baixa detecção de gonorreia.
16	<b>Bruna Amaral Dávalo</b>	Prisioneira invisível: o caso de uma	UNESP / 2021 <b>Metodologia:</b> Estudo de caso e

		mulher indígena no Sistema Penitenciário de Mato Grosso do Sul	psicologia social crítica. <b>Resumo:</b> Analisa a perda de identidade indígena de uma mulher Guarani-Kaiowá no sistema prisional.
17	<b>Luma Freitas Lessa</b>	Amansando o empoderamento: a mobilização das mulheres indígenas no Brasil indigenizam o debate sobre gênero	PUC-Rio / 2020 <b>Metodologia:</b> Análise discursiva decolonial. <b>Resumo:</b> Examina a ressignificação do conceito de empoderamento pelas mulheres indígenas.
18	<b>Heliene Rosa da Costa</b>	Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguar	UFU / 2020 <b>Metodologia:</b> Análise literária. <b>Resumo:</b> Explora a construção identitária na obra "Metade Cara, Metade Máscara".
19	<b>Luana Lazzeri Arantes</b>	Mulheres indígenas do Baixo Rio Tapajós (Pará) em exercício de mediação social	UFOPA / 2020 <b>Metodologia:</b> Entrevistas e observação participante. <b>Resumo:</b> Trajetórias de três lideranças indígenas na articulação política e acesso à educação superior.

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2025).

## RESUMOS DAS TESES DE METODO ETNOGRÁFICO

### 1- Mulheres Indígenas, Água e Território: Relações Hidrossociais e Resistências no Território Mendonça (RN)

Esta tese investiga as relações entre mulheres indígenas, meio ambiente e organização

política no contexto dos povos indígenas do estado do Rio Grande do Norte (RN), com foco nas formas de percepção, relação, conflito e demanda em torno da água. O estudo tem como objetivo compreender como as experiências, práticas e saberes das mulheres indígenas, especialmente no Território Mendonça, moldam as relações hidrossociais e configuram formas de engajamento territorial e resistência diante das desigualdades hídricas.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base em uma etnografia desenvolvida por meio da escuta atenta às narrativas, deslocamentos e práticas cotidianas dessas mulheres. A pesquisa acompanhou suas movimentações entre fontes de água, comunidades e espaços de organização política, observando como a água se articula com os modos de vida, a memória, o território e os projetos de futuro.

Os resultados revelam que a água, mais do que recurso natural, é um elemento relacional, que estrutura vínculos entre terra, lugares, Estado e território, assumindo papel central nas lutas por justiça ambiental. Conceitos como escassez, paisagem hídrica, desigualdade e injustiça hídrica são mobilizados para apreender tais dinâmicas. A água-mulheres aparece como categoria transversal e vital, que expressa formas de cuidado, resistência e manutenção da vida no semiárido. Por fim, destaca-se a noção de furo como categoria

nativa que traduz a autonomia territorial, as temporalidades da paisagem e as resistências enraizadas nas concepções indígenas de terra e futuro.

## **2- Redes de Mulheres, Águas e Territórios: Articulações Políticas e Resistências de Mulheres Indígenas no Semiárido Potiguar**

Esta tese tem como objetivo compreender as formas de organização, mobilização e resistência das mulheres indígenas a partir das redes que elas próprias constroem e atravessam — redes familiares, territoriais e nacionais —, observando como essas conexões sustentam as lutas pelos direitos dos povos indígenas no Brasil. A pesquisa parte do Território Mendonça, no estado do Rio Grande do Norte, para investigar como as mulheres articulam práticas cotidianas e políticas em torno da defesa do território, da ancestralidade, da água, e da implementação de políticas públicas em áreas como saúde e educação.

A metodologia é de base etnográfica e situada, com forte envolvimento da pesquisadora enquanto mulher indígena integrante das redes que estuda. O trabalho baseia-se em narrativas, deslocamentos e vivências que revelam o movimento constante de ida e retorno entre diferentes escalas de atuação — locais e nacionais — em uma lógica de

complementariedade que se inspira no dualismo clânico das cosmologias indígenas. O percurso metodológico valoriza a escuta, o corpo em movimento, os vínculos familiares e comunitários, além da participação ativa em redes como a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA).

Os resultados evidenciam que as mulheres indígenas não apenas ocupam, mas constroem e fortalecem redes que articulam ancestralidade e futuro, política e cuidado, território e afeto. As redes não se sobrepõem nem se anulam, mas coexistem em fluxos que se entrelaçam, se separam e se reencontram, garantindo a continuidade das lutas e das formas indígenas de existir. A pesquisa mostra que a atuação das mulheres, mesmo quando distante geograficamente de suas comunidades, permanece enraizada em seus territórios de origem, e que essa circularidade fortalece tanto as pautas locais quanto os movimentos nacionais. A criação da ANMIGA é destacada como expressão concreta dessas articulações, reafirmando a centralidade das mulheres indígenas na luta por direitos, justiça ambiental e soberania territorial.

### **3- Políticas da Presença: Criações Políticas de Mulheres Indígenas nas Marchas Nacionais em Brasília (2019–2022).**

Esta tese investiga as criações políticas das mulheres indígenas a partir de suas mobilizações em eventos nacionais como a 1ª e a 2ª Marcha das Mulheres Indígenas, realizadas em Brasília-DF nos anos de 2019 e 2021, respectivamente. O estudo tem como objetivo compreender como essas mulheres constroem alianças, manifestações e estratégias de resistência em face das políticas de morte promovidas pelo Estado e por seus aliados anti-indígenas, afirmando, por meio de seus corpos, cantos, danças e palavras, uma política de presença vinculada à ancestralidade, à terra e ao cuidado.

A metodologia adotada é de caráter etnográfico e foi desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, incluindo a participação direta da pesquisadora nos eventos presenciais das marchas, bem como nos encontros e mobilizações online realizados durante o período da pandemia da covid-19. A análise se apoia nas noções emergentes de presença, chamado e reflorestar, conceitos forjados a partir do campo e que traduzem os modos de existência, convocação e recriação da vida pelos quais as mulheres indígenas se colocam em movimento.

Os resultados apontam que as marchas são expressões de um "nós" coletivo, circunstancial e heterogêneo, que se articula por meio de uma cosmocoreografia — combinação de múltiplas manifestações corporais, sonoras e

espirituais — em oposição às violências coloniais e à necropolítica. A política da presença afirma a centralidade do corpo, da terra e da ancestralidade como fundamentos da ação política, marcando o retorno do feminino não como essencialismo, mas como subversão das violências coloniais de gênero. A tese revela ainda que o chamado feito pelas mulheres indígenas é também dirigido à sociedade não indígena: um chamado à escuta, à ação e ao cuidado com a vida, por meio da ideia de reflorestar, compreendido como gesto político e ético de resistência e regeneração dos mundos indígenas.

A partir da articulação dessas três pesquisas, tendo a etnografia como eixo estruturante do trabalho de campo e da elaboração teórica. O método etnográfico, permitiu acompanhar os fluxos e deslocamentos das mulheres, escutar suas narrativas, observar suas práticas cotidianas e participar de eventos presenciais e virtuais que marcaram suas lutas e articulações, especialmente em um contexto de pandemia e intensificação da violência estatal contra os povos indígenas.

No Território Mendonça, a etnografia tornou possível apreender as relações hidrossociais a partir da vivência concreta das mulheres indígenas com a água, a escassez e o cuidado com a vida no semiárido. Os deslocamentos entre fontes de água, comunidades e espaços organizativos revelaram uma lógica territorial

que não separa natureza e cultura, mas opera por meio de conexões entre corpo, terra, território e ancestralidade. Nesse contexto, o método etnográfico permitiu compreender como práticas cotidianas, como buscar água, cultivar, cuidar e resistir. São formas políticas enraizadas no território.

Já nas redes de articulação entre territórios locais e instâncias nacionais, a etnografia acompanhou o movimento constante de ida e volta das mulheres indígenas entre diferentes escalas e espaços de luta. Essa circularidade, inspirada no dualismo clânico de suas cosmologias, revela uma complementariedade entre redes domésticas e políticas, reforçando o papel das mulheres como sustentadoras e articuladoras de conexões que integram luta, afeto, memória e futuro. O envolvimento direto da pesquisadora, enquanto mulher indígena e integrante dessas redes, enriqueceu a produção do conhecimento e fortaleceu uma etnografia comprometida com a escuta e a reciprocidade.

Por fim, nas Marchas das Mulheres Indígenas em Brasília, a etnografia foi fundamental para registrar o surgimento de noções como política da presença, cosmocoreografia, chamado da terra e reflorestar, conceitos que não surgem de um referencial teórico prévio, mas da escuta atenta aos corpos em movimento, aos cantos, às danças e aos modos de se colocar no mundo.

A presença dos corpos-territórios das mulheres indígenas em marcha revelou-se como forma política singular. O acompanhamento presencial e digital dessas marchas, incluindo os encontros online realizados durante a pandemia, permitiu captar os modos como as mulheres indígenas constroem um “nós” político heterogêneo, mas unificado pela ancestralidade, pela terra e pela luta.

Assim, a etnografia foi mais do que uma técnica de pesquisa: foi uma postura ética e política de escuta e presença, que possibilitou acessar os múltiplos sentidos da resistência indígena pelas vozes, corpos e experiências das mulheres. Através dela, foi possível compreender que a luta pela água, pela terra e pela vida se materializa em práticas cotidianas, redes de articulação e grandes mobilizações nacionais, compondo um campo político atravessado por ancestralidade, espiritualidade, cuidado e futuro.

## 6 Considerações

---

A investigação apresentada neste artigo evidenciou que a temática das mulheres indígenas como sujeitos de estudos etnográficos em teses de doutoramento no Brasil ainda é emergente, embora em crescimento. A análise da produção científica entre 2020 e 2024, realizada na base de dados Oasis do IBICT, revelou um total de 19 teses

que abordam essa questão, com destaque para o ano de 2023, que concentrou o maior número de publicações. Esses trabalhos, embora diversos em suas abordagens metodológicas e focos temáticos, compartilham um compromisso comum: dar voz às mulheres indígenas, destacando suas lutas, saberes e resistências em contextos marcados por desigualdades históricas.

Os estudos etnográficos analisados demonstraram a importância do método para captar as complexidades das vivências indígenas, permitindo uma compreensão profunda das relações entre gênero, território, cultura e política. As pesquisas destacaram, por exemplo, o papel central das mulheres na gestão da água, na articulação de redes de resistência e na reivindicação de direitos, reforçando sua agência tanto nas comunidades quanto em espaços nacionais de mobilização. Além disso, a intersecção entre os estudos etnográficos e a Agenda 2030, especialmente no que se refere ao ODS 5 (Igualdade de Gênero), mostrou-se relevante para ampliar o debate sobre justiça social e inclusão.

Apesar dos avanços, os resultados apontam para a necessidade de ampliar a produção acadêmica sobre o tema, incorporando perspectivas decoloniais e fortalecendo a participação das próprias mulheres indígenas como pesquisadoras. A escassez de trabalhos em relação à magnitude das questões

enfrentadas por essas mulheres — como violência de gênero, acesso à justiça e preservação cultural — sinaliza um campo fértil para futuras investigações.

Em síntese, este artigo não apenas mapeou a produção científica recente, mas também destacou o potencial da etnografia como ferramenta para desvelar narrativas silenciadas e promover transformações sociais.

A continuidade desses estudos é essencial para consolidar um conhecimento mais plural e representativo, alinhado aos princípios da equidade e do respeito às diversidades culturais. Assim, espera-se que esta pesquisa sirva como incentivo para novas investigações que ampliem o diálogo entre academia, movimentos sociais e políticas públicas, em prol da valorização e da emancipação das mulheres indígenas no Brasil.

## Referências

ARANTES, L. L. (2020). Mulheres indígenas do Baixo Rio Tapajós (Pará) em exercício de mediação social.

Ataide, Patrícia Costa. (2021). KUZÀGWER: fazeres e saberes de mulheres indígenas Tentehar em Grajaú-MA. Campinas – SP: Unicampi.

Bocato, V. R. C. (2006). Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 265-274. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>.

Brandes, S. (2022). Diálogos sobre o bem viver: Uma leitura de enunciados de resistência e luta coletiva produzidos por mulheres indígenas brasileiras através da escrita.

Betto, J. (2022). Presença, chamado, reflorestar: Criações políticas da marcha das mulheres indígenas.

Carvalho, r. m. (2021). Pela tekohização da vida: corpo, território e as dinâmicas de (in)segurança de mulheres indígenas nos estudos críticos de segurança nas relações internacionais.

Creswell, J. W. (2007). Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, RS: Artmed.

Costa, C. M. (2023). Entre corpo-território e racismos: Narrativas de mulheres indígenas vivendo em contextos urbanos na Grande Florianópolis (SC).

Costa, H. R. d. (2020). Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara.

Dávalo, B. A. (2021). Prisioneira invisível: O caso de uma mulher indígena no Sistema Penitenciário de Mato Grosso do Sul.

Gil, Antonio Carlos (2008). Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Giraedi, Francielle. (2019). Itinerários de cuidado e práticas de atenção à saúde das mulheres kaingang no período gravídico- puerperal na aldeia Kondá/SC. São Leopoldo: Unisinos.4

Jesus, A. M. S. d., Magalhães, J. L. Q. d., & 2023-09-26. (2023). O enfrentamento da violência doméstica pelas mulheres indígenas do alto Rio Negro à luz da teoria decolonial.

LESSA, L. F. (2020). Amansando o empoderamento: a mobilização das mulheres

indígenas no brasil indigenizando o debate sobre o gênero.

Lewitzki, T. (2023). Águas e movimentos: Mulheres indígenas, meio ambiente e organização política no contexto do território indígena Mendonça.

López, Graciela Lima. (2019). O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. Textura n. 1.

Luciano Baniwa, Gersem dos Santos. (2006). O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional.

Mendonça, A. L. P. (2024). O enfrentamento da violência doméstica contra mulheres indígenas da tríplice fronteira brasil, colômbia e peru à luz do novo constitucionalismo latino-americano.

Moura, B. C. (2023). "Livre pela minha natureza": Histórias de mulheres indígenas na Amazônia Colonial.

Oliveira, Ildete Freitas. (2022). Formação superior e ressignificação do papel etnopolítico de mulheres indígenas na esfera pública no Alto Solimões/Amazonas. Manaus: UFAM.

ONU (2011) Programas da ONU ajudam a diminuir a desigualdade de gênero online. Programas da ONU ajudam a diminuir a desigualdade de gênero online | As Nações Unidas no Brasil

Pereira, Júnia Cristina. (2019). Dramaturgias de si e do outro: construções identitárias. Salvador: UFBA.

Porto, C. R. C. C. [. (2021). Perfil epidemiológico, rastreamento citológico e de infecções genitais por Papilomavirus Humano, Chlamydia Trachomatis e Neisseria Gonorrhoeae nas mulheres indígenas do Xingu.

Rodrigues, K. P. L. (2022). Perfil antropométrico das mulheres indígenas do parque das tribos da cidade de Manaus-AM como fator de risco para o desenvolvimento de enfermidades: Características gerais das mulheres indígenas não aldeadas do parque das tribos em Manaus- AM.

Schild, J. D. J. I. J. (2023). Articulação das mulheres indígenas no Brasil: Em movimento e movimentando redes.

Sousa, C. B. (2024). Nas ruas e para além delas: Um olhar comunicacional sobre a 1ª Marcha das Mulheres Negras e a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas.

Souza, R. K. S. (2024). Caminhos para a justiça: A proteção do direito ao acesso à justiça das mulheres indígenas Yanomamis e a proposta da Justiça Tribal.

Tavares, Joana Brandão. (2022). Agência feminina, terra e multissensorialidade: a mitopraxis Tikmũ'ũn no cinema. Salvador: UFBA.

Tófoli, Ana Lucia de. (2020). "Faz tempo que disseram que não era mais pra pegar menino nos matos": narrativas de partos entre indígenas Tapeba e Tremembé no Ceará. Campinas: Unicamp.

Woods, Peter. (1987). La escuela por dentro: la etnografia en la investigación educativa. Barcelona: Paidós.